

APRESENTAÇÃO

JOAQUIM COSTA PEREIRA PINTO
Vice-Presidente do Centro de Estudos do
Real Gabinete Português de Leitura

Às vésperas da comemoração do seu 140º Aniversário de Fundação, o Real Gabinete Português de Leitura vence, com esta Revista, mais uma importante etapa do plano de dinamização cultural que vem desenvolvendo.

À guisa de introdução ao lúcido depoimento concedido pelo ilustre Presidente desta centenária Instituição, o sr. Antônio Rodrigues Tavares, cumpre a nós situar em linhas gerais o que pretendemos com a presente publicação.

O seu próprio nome — CONVERGÊNCIA — exprime a intenção de reunir, de aproximar os homens e reativar, em todos os portugueses e nos meios intelectuais e estudantis brasileiros, os valores realmente edificantes do tão decantado quanto incompreendido espírito comunitário lusítada, fazendo-o convergir, não para metas pré-estabelecidas ou laboratorizadas segundo momentâneos oportunismos, mas para a linha do horizonte, com um espírito aberto e uma mente arejada, livre de preconceitualismo e numa atitude de permanente procura.

A isto chamamos dinamização cultural: capacidade de combinar o antigo e o moderno, de distinguir as aspirações gerais e permanentes dos interesses particulares e transitórios.

Que esta Revista cultural seja o **arauto de uma idade nova**, em que mestres e estudantes, de todos os campos do saber e das mais variadas tendências, possam expressar o seu pensamento, com uma base científica que transcenda o facciosismo apaixonado e os polemismos estéreis.

Seguindo esta diretriz, abordaremos predominantemente — mas não exclusivamente — temas de cultura portuguesa.

Para estimular o interesse dos jovens brasileiros e portugueses pelo estudo de assuntos luso-brasileiros, criamos a seção **Ensaio & Pesquisa**, reservada para investigações de reconhecido valor, em nível universitário ou de pós-graduação. Neste primeiro número, alguns problemas fizeram com que não iniciássemos ainda este projeto, sendo a referida seção preenchida por significativos estudos de mestres já consagrados. Entretanto, com a esperada colaboração dos professores universitários portugueses e brasileiros, pretendemos contar, já no próximo número, com um trabalho estudantil.

Assim, sem ritualismos saudosistas, mas apegados aos ideais superiores que fizeram de Portugal e do Brasil duas grandes nações, pugnamos por uma identidade cultural cada vez mais sólida, mas permeável às contribuições exóticas, já que o saber não admite fronteiras. Respeito às tradições e renovação permanente, tal é o espírito que nos anima na construção de um homem mais digno e com maiores opções.

Finalmente, que esta Revista não assuma um caráter elitista e que tenha a capacidade de sensibilizar os humildes e os doutos, além de atrair para o salutar convívio deste Real Gabinete a arredia colonia portuguesa. Esta Casa não é um privilégio de minorias, mas um patrimônio da cultura, que a todos pertence.

ENTREVISTA

DEPOIMENTO DO SR. ANTÔNIO RODRIGUES TAVARES SOBRE “A POTENCIALIDADE DO REAL GABINETE PORTUGUÊS DE LEITURA E AS NOVAS PERSPECTIVAS DA CULTURA PORTUGUÊSA NO BRASIL”

Entrevista de PEDRO FERREIRA DA SILVA
Vice-Presidente da Secretaria do R.G.P.L.



Esta publicação aparece como parte do programa atribuído ao Centro de Estudos do Real Gabinete Português de Leitura, situando-se no plano de atividades desenvolvido em obediência às determinações do Estatuto da própria agremiação cultural. Caberia pois ao Presidente do Real Gabinete fazer a sua apresentação, e de tal forma se cumpriria um ato normal, rotineiro em casos semelhantes. Optando por uma espécie de entrevista, se por um lado fugimos a essa rotina, por outro arriscamos a posição singular, até aparentemente estranha, de interrogar o Presidente sobre aquilo que evidentemente devemos saber, componentes que somos do grupo de Diretores cuja tarefa consiste na execução das diretrizes por ele traçadas; e se uma delas é o funcionamento do Centro de Estudos, o trabalho em conjunto nos leva desde logo a conhecer o pensamento uns dos outros, a interpretá-lo e a dar-lhe expressão na realidade e na projeção das idéias comuns.

Pois assim mesmo arriscamos. Porque nos dá a liberdade de lembrar, de provocar, de obter por meio de perguntas inesperadas, o esclarecimento, a informação, até mesmo o pensamento oportuno ou a lição valiosa de uma sábia experiência.

Vamos então registrar a entrevista com o Sr. Antônio Rodrigues Tavares, Presidente da Diretoria do Real Gabinete Português de Leitura:

— Como entende o Sr. Presidente que se deve considerar a publicação periódica das atividades do Centro de Estudo?

— Em seu principal aspecto, é útil como registro e divulgação, e se não se fêz até agora foi por falta de meios para dar a esse Departamento do Real Gabinete o seu pleno desenvolvimento. Constitui também um complemento da ação cultural do Centro de Estudos, não só divulgando externamente os cursos e conferências que nele se realizam, até mesmo a reprodução integral das mais importantes, como servindo de veículo a outros trabalhos literários, científicos ou puramente didáticos. O pleno desenvolvimento a que me refiro será progressivamente atingido, e o que estamos a fazer agora já toma proporções muito apreciáveis e cada vez mais promissoras.

— Qual a maneira de se definir ou integrar a ação do Centro de Estudos e da Biblioteca?

— A Biblioteca do Real Gabinete foi sempre a sua razão de ser, mantém-se por tradição e por força do seu próprio objetivo cultural, permanente e inabalável. O Centro de Estudos, setor ainda recente da sua organização, forma outro ramo de atividade, distinto mas não menos importante, integrando-se porém no papel histórico da nossa Instituição. Creio que podemos definir assim a existência destes dois organismos: na Biblioteca, o indivíduo vem espontaneamente em busca da cultura, a Instituição não lhe indica nem sugere o tipo de obras a consultar, ele as escolhe e vive com o autor, numa intimidade que se respeita, absorvendo-lhe as idéias, deleitando-se com a beleza das letras ou meditando na profundidade das ciências; no Centro de Estudos o indivíduo é atraído pelos temas ou pelos mestres, adere às pesquisas ou aos debates que lhe são propostos, aproveita o clima didático das reuniões. Meio individuais ou coletivos de instrução e cultura, completam-se e oferecem-se ao público no estilo que me parece recomendar-se como um exemplo de Universidade Popular.

— Por falar em atração, ocorre-nos perguntar: não será o ar austero da Biblioteca pouco atraente para os jovens?

— Isto é uma questão fora da realidade. Bastaria, para obter a resposta, observar o número de estudantes que a frequentam, buscando nos livros do Real Gabinete Português de Leitura, sempre acessíveis, a solução de muitos problemas, os dados exigidos no preparo de seus trabalhos colegiais e cursos universitários.

— Também nos arriscamos a uma “irreverência” certamente desculpável: conhece o Sr. Presidente a alusão feita por gente moça ao que chamam “velharia”, referindo-se à antiguidade do Real Gabinete e também, porventura, ao elemento humano que o sustenta através de todas as dificuldades?

— Não conheço, mas em verdade não me espanta que tal aconteça. Gostarei entretanto de dizer que em toda a antiguidade há muita sabedoria, e que a idade dos homens os torna mais compreensivos na medida da obrigação, que vão contraindo, de dar exemplos e transmitir ensinamentos de geração em geração. Tal como é compreensível a agitação dos moços. Por isso devemos entendê-los. Também não há nada sobre a Terra mais velho que o próprio Sol, e este, nascendo todos os dias, é sempre novo.

– Quanto às condições atuais do Real Gabinete, sua evolução na preservação da nossa cultura e perspectivas dos tempos modernos? Não será isso um desafio? Parece-lhe oportuno dizer alguma coisa a esse respeito?

– Sem dúvida, é mesmo um desafio que se desdobra em variadas formas de atender, sobretudo, às circunstâncias em que a vida dos povos se modifica e recebe influências tecnológicas, na renovação e no apuramento constante dos valores da nossa civilização. O Real Gabinete Português de Leitura é o continuador de uma obra majestosa no campo da instrução e da cultura portuguesa. Devemos o maior respeito a essa obra realizada, cumpre-nos dar-lhe seguimento e não faltaremos a esse dever. Muitos sacrifícios se fizeram, momentos difíceis foram vencidos; em determinadas épocas faltaram recursos para a ação eficiente que a tradição impunha, mas o Real Gabinete sobreviveu. Hoje poderá enfrentar aquele desafio. Haveremos de o fazer, sem receio. A língua portuguesa é o suporte da civilização que os nossos antepassados aqui trouxeram. Temos um tesouro único no mundo, “Os Lusíadas”. Temos um preceito, que nos legaram pelo Estatuto, a ensinar-nos a prática da instrução e a defesa da cultura. Na Biblioteca ou no Centro de Estudos, por novos caminhos ou nas condições que o tempo nos venha a apresentar, o nosso trabalho é esse. Direi, para terminar, que me conforta a extraordinária presença da juventude nos salões do Real Gabinete, e que este se honra com a projeção de suas atividades nos meios oficiais, escolares e universitários, através das autoridades, estudantes e professores. Os milhares de estudiosos que anualmente transpõem as portas sempre abertas desta Casa, são o atestado de que ela é um organismo vivo e reconhecido na sua benemerita existência.